

A escrita como desafio no percurso do observador pelo método Bick de observação de bebês*

*Nara Amália Caron***, Porto Alegre

*Rita Sobreira Lopes****, Porto Alegre

*Denise Steibel*****, Porto Alegre

*Tagma Schneider Donelli******, Porto Alegre

Este trabalho discute alguns desafios no percurso do observador ao longo dos três momentos do método Bick de observação (observação, relato da observação e supervisão em grupo), com ênfase especial na escrita. Um dos maiores desafios da escrita, neste contexto, é o de transmitir uma experiência que foi vivida predominantemente de forma sensorial e solitária. Neste contexto, o observador se vê exposto a uma série de sensações que emergem novamente no momento do relato, as quais são compartilhadas com o grupo de supervisão. Cabe ressaltar que o desafio da escrita se interpõe, no método Bick, durante todo o percurso do observador e é especialmente inquietante quando essa escrita se faz necessária para publicação.

Palavras-chave: escrita, método Bick, relato escrito, comunicação primitiva.

* Artigo originalmente publicado em inglês: Caron, N. A. et al. (2012). Writing as a challenge in the observer's journey through the Bick method of infant observation. *International Journal of Infant Observation and its Applications*, 15 (3): 221-230.

** Psiquiatra. Analista de crianças, adolescentes e adultos. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Supervisora e pesquisadora do método Bick de observação de bebês e suas aplicações.

*** Professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em psicologia pela Universidade de Londres. Pesquisadora do método de observação Bick de bebês e suas aplicações. Pesquisadora do CNPq.

**** Candidata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Doutora em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do método Bick de observação de bebês à UTI neonatal. Bolsista de pós-doutorado do CNPq.

***** Professora do Instituto de Psicologia da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Doutora em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora de aplicações do método Bick de observação de bebês ao Centro Obstétrico.

Introdução

A observação psicanalítica de bebês nos conduz a uma área de investigação ainda pouco explorada na psicanálise, que abre um campo para descobertas importantes sobre a natureza humana e a prática clínica. Após a criação de um método psicanalítico de observação de bebês, em 1948, pela psicanalista britânica Esther Bick, na Clínica de Tavistock, em Londres, esta área vem ganhando, gradativamente, mais atenção. O método Bick é conhecido por se dividir em três momentos: a observação, o relato da observação e a supervisão em grupo. Com o intuito de apresentar o percurso do observador ao longo destes momentos, bem como os desafios neles implicados, este trabalho pretende em especial aprofundar o entendimento do desafiador processo de escrita que acompanha o observador em alguns momentos deste trajeto. Cabe lembrar que o maior desafio da escrita é traduzir para uma linguagem verbal uma experiência que se apoia em sensações, na linguagem não verbal.

Buscando ilustrar tal desafio, utilizaremos vinhetas de situações emocionais primitivas, limítrofes, vida-morte, em que esse desafio pode ser ilustrado de forma mais evidente. Para tanto, apresentaremos material derivado da aplicação do método Bick na observação de parto, em um centro obstétrico e de bebês prematuros, em uma UTI neonatal.

A longa experiência – quase 30 anos – com o método Bick *standard* e suas aplicações nos autoriza a afirmar que a elaboração da profunda experiência emocional do observador no treinamento com o método Bick promove importantes transformações: refina a sua escuta psicanalítica através das emoções e do próprio corpo e desenvolve sua capacidade receptiva, continente, bem como a capacidade de tradução de conteúdos psíquicos primitivos, não verbais (Caron & Lopes, 2014, 2015). Está na função do observador, nas mudanças sofridas, o fio condutor através do qual se dá a passagem da observação *standard* para a sua aplicação. O profissional leva consigo um *setting* interno, enriquecido pela experiência de observação, e se adapta a diferentes *settings* externos, seja o *setting* ultrassonográfico (Caron & Maltz, 1994; Caron, 2000; Caron, Fonseca & Kompinski, 2000; Caron, Fonseca & Lopes, 2008; Caron & Fonseca, 2011), o *setting* de um centro obstétrico (Donelli, Caron & Lopes, 2012; Caron, Lopes e Donelli, 2013), ou de uma UTI neonatal (Moreira, Gerhardt, Steibel, Silveira, Caron & Lopes, 2011; Steibel, 2011; Steibel, Caron & Lopes, 2014).

A observação

No primeiro momento, já com um *setting* interno e externo demarcado, de visitas semanais com hora e local definidos e uma atitude não intrusiva, o observador inicia seu percurso que terá dois anos de duração, no qual irá observar o desenvolvimento de um bebê dentro de sua família. Coerente com a escuta psicanalítica baseada na atenção flutuante, o observador não se preocupa em fazer anotações durante a observação, nem trabalha com hipóteses ou categorias de fatos a serem observados *a priori*. No entanto, o método Bick não objetiva o tratamento, mas sim a formação do psicanalista, o que favorece que o observador possa mergulhar na vivência emocional, respeitando estritamente o *setting*, engajado totalmente na coleta de todas as manifestações de vida.

O método Bick privilegia o olhar, repetidas vezes, dos detalhes, das trocas, dos gestos, das sensações, dos encontros e desencontros da dupla mãe-bebê, promovendo a descoberta ou redescoberta da comunicação não verbal e da regressão no observador. Freud (1914), quando trabalhava na descoberta do inconsciente, escreveu: “Aprendi a controlar as tendências especulativas e seguir o conselho, não esquecido, do meu mestre Charcot: olhar as mesmas coisas, repetidas vezes, até que elas comecem a falar por si mesmas” (p. 32).

Contando com sua disponibilidade interna, um certo vazio interior, o observador assume uma condição eminentemente receptiva, pela qual aceita as comunicações primitivas do bebê e dos pais, sendo envolvido profundamente nesta dinâmica viva da observação. Esta descrição revela um estado aproximado de atenção flutuante. Freud (1912) já aconselhava: “O médico deve voltar seu próprio inconsciente, como órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente” (p. 154).

O observador encontra-se em intensa atividade psíquica quando está escutando – é passivo e abstinente apenas na ação. Isso talvez ajude a entender por que Bick (1964) o considerou um observador participante e, portanto, privilegiado. Assim, pode-se questionar a crítica comum à observação de que o observador fica *apenas olhando* durante dois anos. A escuta envolve todos os sentidos. A presença de um bebê estimula a regressão a estados primitivos e à comunicação cenestésica, que provocam, no observador, vivências emocionais e sensações físicas intensas e sem palavras. O observador depara-se com o desafio de unir o ápice de sua intimidade psíquica com o *viver uma experiência junto* com a mãe e o bebê.

Quando me propus a tarefa de trazer à luz o que os seres humanos mantêm

oculto dentro de si, não pela força compulsiva da hipnose, mas observando o que dizem e o que mostram, julguei que a tarefa era mais árdua do que é na realidade. O que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir pode convencer-se de que nenhum mortal pode guardar um segredo. Se os seus lábios permanecem silenciosos, ele conversa com a ponta dos dedos. A revelação transpira dele por todos os poros (Freud, 1905, p. 75).

Um dos grandes desafios deste primeiro momento – a observação – é a intensa mobilização interna provocada pela experiência viva da dupla mãe-bebê: o observador é arremessado em um mundo de sensações, emoções e ansiedades primitivas que o atingem de diferentes graus e maneiras, conforme sua estrutura pessoal.

No ambiente de uma sala de UTI neonatal, é possível acompanhar a intensidade de tais vivências e como invadem o observador, quando este entra em contato com um bebê ainda incompleto, nascido extremamente prematuro.

Sinto-me hipnotizada pelo bebê, parece que minha audição fica limitada a outros estímulos, meu corpo passa a sentir calor e sinto meu coração pulsar. Quando percebo estas sensações, imediatamente sinto um medo, que inevitavelmente ligo à sensação presente do limite entre a vida e a morte, e digo a mim mesmo: “que forte!”. Sou despertada por minha colega que me mostra algumas informações no prontuário.

Há um profundo processo de comunicação inconsciente *mãe-bebê-observador*, que se reflete nas reações-surpresa do observador, ou reações ao estranho (Caron, Matte, Cardoso, Lopes & Dalcin, 2000). O observador entra em contato com estados primitivos de desamparo e solidão, usualmente vivenciados como alheios ou estranhos, para utilizar uma expressão de Freud (1919).

Paradoxalmente, o observador também se encontra exposto, despido das ferramentas usualmente utilizadas em uma situação de tratamento, à mercê de sensações intensas e muitas vezes inomináveis: ele despe-se, mostra-se cansado, com fome, é invadido pelas mais variadas sensações físicas, pode ter vontade de ir embora. Curiosamente, chama a atenção que o observador, quando mergulhado no primeiro momento da observação, não se importa nem um pouco com esse afrouxamento das defesas e, como é ilustrado na vinheta abaixo, numa situação de observação em um Centro Obstétrico de um hospital, sujeita-se a *vestir a roupa* que a situação de observação lhe oferece:

Confesso que fui com o coração apertado para a observação, talvez ainda impactada com tudo que havia visto na observação anterior. [...] Me dirigi ao CO com 15 minutos de atraso em relação ao horário que me propus cumprir. [...]

Lá fui eu, desta vez entrando pelos fundos, isto é, pela entrada dos profissionais e não das parturientes/pacientes. A técnica em enfermagem que me recebeu me informou, com um ar de decepção, que havia apenas aquela roupa. Logo soube por que: era um trapinho – a blusa toda puída e remendada em vários pedaços, e a calça, curta, era de outra cor, com o fundilho também remendado. Vesti-me assim mesmo e fui entrando. Quando cheguei perto da sala de pré-parto, percebi que estava sem os propés e voltei rapidamente, vestindo-os (Obs.13).

O observador mergulha na observação como a mãe na maternidade. Fica sem pudor. Depois de ter perdido o pudor, de ter se aberto para experimentar o que a situação tem a lhe oferecer, tudo parece se tornar mais fácil. É como um desabrochar: após abrir-se não volta mais a ser botão, fica mais sensível, mais frágil e, quem sabe, mais capaz e flexível, podendo mais facilmente cruzar fronteiras, ir e vir.

Em uma sala de parto, ambiente que presencia vivências e emoções vindas do primitivismo do existir, destaca-se o trecho do relato de uma observação de bebê adaptado ao contexto hospitalar da sala de parto (Donelli, 2008), cujo intuito é ilustrar a intensidade das primeiras vivências do observador neste contexto e como isso foi traduzido em palavras.

Fiquei um bom tempo parada na entrada, sem conseguir entrar. [...] Não havia espaço para nada. Se alguém quisesse passar, precisaria se espremer e ainda contar com a boa vontade do colega para lhe dar espaço. E uma das mulheres berrava, gritava de dor, dizendo que estava nascendo. [...] Consegui cruzar a sala, mas, por insistência da enfermeira, que queria me mostrar onde ficavam as salas de parto. Segui adiante, um tanto constrangida, achando que devia estar com outra roupa, ou, quem sabe, manter-me parada para não sentir que poderia estar atrapalhando alguma coisa. Ao chegar ao outro lado, olhei a mesma sala de outro ângulo. [...] Fui voltando, fazendo o caminho inverso, tentando chegar novamente na sala de exames e na de admissão do recém-nascido, mas sempre ao lado da enfermeira, pois não conseguia me imaginar sozinha ali. Onde ficaria nas próximas observações? Poderia me sentar? Para onde olhar? [...] Tentei achar um lugar e ficar quieta, sem ser notada, mas era impossível. [...] O tempo todo tinha a impressão que ali havia coisas deslocadas, mesmo sabendo, racionalmente, que tudo tem uma explicação. [...] Não há privacidade nenhuma, muito pelo contrário, há uma exposição excessiva, e isso incomoda muito. Aquelas mulheres pareciam extremamente desamparadas, deslocadas, sozinhas. Saí dali com vontade de ficar mais e, quem sabe, ver mais, ao mesmo tempo foi um grande alívio respirar outro ar num ambiente mais espaçoso. Restou-me uma impressão muito nítida: de que não vai ser fácil...

O relato escrito

A experiência emocional intensa e voltada para o interior do observador coloca-o no desafio do segundo momento em seu percurso: o relato da observação. Este segundo momento, no qual a interlocução assume importância fundamental, faz-se necessário para que o observador possa compartilhar sua vivência com o grupo. Frente a esta demanda do método, surge o desafio de colocar em palavras resquícios de memórias, lembranças, nas quais permaneceram registrados fragmentos destas intensas vivências até aqui descritas. Assim, é chegado o momento de tentar compartilhar o que foi vivido solitariamente na observação.

O observador apoia-se em palavras simples, tentando relatar os detalhes da observação, ainda sem o intuito de ter significados, como nos indicava Bick (1964), mas tentando achar palavras que contenham uma experiência que ainda é anterior à verbal e que é frequentemente vivida através de sensações corporais, sons, cheiros e imagens. É o que se percebe no relato da observação de um bebê prematuro, realizada em uma UTI Neonatal:

Começo a ter sensações corporais que vão aumentando gradativamente, como calor, contração do meu estômago; meus batimentos cardíacos parecem fracos. Fico impressionada com a intensidade destas sensações, a ponto de me questionar se elas são devidas ao contato com Henrique ou provenientes de alguma falta em meu corpo. Checo se as minhas necessidades básicas foram preenchidas - comida, água, sono - e percebo que, de fato, meu corpo estava respondendo às emoções ali presentes. As sensações se intensificam, começo a suar e meus pés a formigar. Percebo que minha pressão devia estar caindo. Sinto necessidade de me afastar de Henrique e sentar, evitando um possível desmaio e buscando minha recuperação. Direciono-me a uma cadeira, sento-me e respiro fundo um ar fresco que entra pela janela. Avisto seu monitor; sua saturação está acima de 90%, digo, então, a mim mesma, com certo alívio: “Agora que eu estou mal, tu ficas bem”.

Talvez o maior desafio deste segundo momento seja a própria transmissão: como transmitir uma experiência vivida predominantemente de forma sensorial, sem o apoio da lógica e da razão? Freud (1905), ao descrever os desafios de relatar um caso clínico, não tendo a possibilidade de fazer anotações na frente do paciente, destaca a importância de escrever tão logo sai da sessão a fim de que aquilo seja “um ponto de apoio seguro, para a teia de interpretações e lembranças decorrentes” (p. 21). Nos relatos de observação, também sem a possibilidade de anotações, busca-se certa proximidade entre a observação e o relato, para que estes sejam o mais próximo possível. Com uma linguagem simples é possível se

conectar e transmitir melhor a experiência. Por vezes, há uma tendência a querer corrigir e lapidar o texto para apresentá-lo ao grupo de supervisão, talvez na tentativa de evitar a exposição que o observador vivencia na observação. Ao fazer isso, o observador deixa de contar com os lapsos de memória e de linguagem tão preciosos quando o objeto de estudo é o inconsciente. A liberdade do observador de poder levar o material de forma mais autêntica também vai depender tanto de suas características, de sua sensibilidade de observar e de relatar, quanto da maior ou menor receptividade do grupo em que se insere.

No entanto, este momento não se caracteriza somente pela necessidade de colocar em palavras e levar ao grupo estas vivências, também evidencia um caráter evacuativo e criativo importante para o observador. Produzir um relato traz alívio, funciona como descarga, põe fim à angústia de não saber, de ficar no caos para sempre. Nesse sentido, chama atenção o excesso de detalhes que muitas vezes acompanham a primeira escrita, revelando talvez a necessidade (e a possibilidade) de livrar-se da carga emocional. Os excessos do relato, necessários quando estão sendo feitos, despertam a sensação de que poderiam ser *enxugados* quando relidos tempos depois. Podem também despertar uma sensação de estranhamento, de que os conteúdos são demasiadamente crus ou de que houve uma exposição excessiva por parte do observador. Assim, a exposição vivida no momento da observação retorna neste segundo momento do relato. É preciso vencer o obstáculo de se expor ao grupo, como num jogo de esconde-esconde, em que é uma alegria estar escondido e uma tristeza não ser encontrado (Winnicott, 1963/1988).

Ao relatar, de forma solitária e ainda no seu íntimo, o observador se proporciona um contato inédito e diferente com o próprio material. Agora deixa de ser receptor das projeções provindas da observação para ser um agente ativo destas e assim colocá-las para fora, contando com o relato como o receptor destas vivências. Este momento criativo torna-se importante e – por que não? – vital também para que o observador possa evoluir da posição inicial de *embuchado*¹. A escrita ajuda o observador a emergir depois de ter mergulhado nas “águas profundas da mutualidade” (Winnicott, 1969):

Havia quatro mulheres ali, todas bastante quietas, como se estivessem dormindo. Elas estavam muito recolhidas, todas de olhos fechados, e não quis incomodar.. A paciente permaneceu quase todo o tempo deitada e virada para a parede. Consegui ver seu rosto apenas no momento em que ela se sentou na cama e se ajoitou para virar de lado. Tinha feições bonitas, mas seu rosto era uma

¹ Em algumas regiões do Brasil (nordeste ou em algumas cidades do interior), a palavra *embuchado* refere-se tanto à dificuldade de digestão, quando há um excesso alimentar, quanto à condição de gestante.

incógnita: cara de mulher, mas, ao mesmo tempo, de menina. Ela me viu ali parada e sorriu, para novamente deitar e desaparecer. Às vezes me lembro do mar e de como essas mulheres parecem mergulhar num mar sem fim, vindo à superfície por breves momentos, talvez para mostrarem que ainda estão ali, mas sem saberem bem por onde andam.

A produção do relato da observação vai aos poucos adquirindo alguma ordem, alguma elaboração, assemelhando-se ao relato de um sonho e conseguindo, assim, transformar lembranças parciais e fragmentadas em um discurso relativamente coerente. De forma análoga, pode-se pensar em como a relação mãe-bebê também vai adquirindo certa ordem e contornos com o passar do tempo.

O grupo de supervisão

O terceiro momento – a supervisão em grupo – é de abertura; a experiência privada, até então descrita, inaugura-se em sua primeira *aparição pública*, mostrando o árduo trabalho solitário do observador a um grupo de colegas que têm um objetivo em comum: o aprofundamento dos seus conhecimentos sobre a relação inicial, primitiva, mãe-bebê. Entre o impacto das vivências da observação e o início de elaboração com o relato, o grupo, junto com o observador, seguirá um trabalho por vezes intenso, em busca de maior compreensão do material observado.

Este pode ser considerado como um momento de *escuta da escuta*, utilizando uma expressão de Faimberg (2010), na medida em que o relato atinge o grupo de supervisão ecoando em seus participantes, que se distribuem em papéis e funções, em um trabalho de compreensão das comunicações primitivas do texto. O grupo entra como um interlocutor necessário para que a vivência privada possa ser transformada e reorganizada. Este movimento ajuda o observador a emergir, depois de ter submergido nas profundezas da observação.

Se o observador consegue manter-se nesse movimento de ir e vir, sem se fechar para o novo, lhe é possível afinar mais e mais sua lente de observação e desenvolver esta capacidade fundamental para o método Bick e para a teoria e a técnica psicanalítica. A compreensão dos conteúdos deixa o observador, novamente, livre, *vazio* e receptivo para voltar ao seu campo de observação.

Dentro deste *setting* estabelecido, é possível que a observação de bebês se mostre como um exercício de sucessivas escutas, em diferentes níveis, do regressivo ao mais elaborado, que, gradualmente, integram o material. São partes distintas de um processo único. Aos poucos, é possível registrar, de forma não

verbal, os ritmos, tonalidades e movimentos organizados da dupla mãe-bebê que vão se unindo e criando uma *dança*, uma coreografia única da díade (Litvan, 2007). O mesmo ocorre no percurso da observação, que pouco a pouco cria uma dança cíclica entre os tempos (observação, relato e supervisão), permitindo que o observador afine sua lente e aprimore seu instrumento de captação dos conteúdos primitivos presentes neste contexto. Vivenciando estes desafios, consideramos que é possível ampliar a compreensão sobre a função materna e o desenvolvimento emocional primitivo do bebê.

Destacamos que parece não haver dúvidas quanto à riqueza do aprendizado e do aprimoramento das habilidades clínicas de quem se permite participar desta experiência. O que pretendemos agora discutir é o avanço que estes aprendizados podem agregar à comunidade científica.

Um quarto momento sugerido: a escrita para fins de publicação

Neste percurso do observador, poderíamos pensar em um quarto momento do método, opcional, que viria se somar aos três momentos descritos anteriormente – observação, relato e supervisão. Trata-se de um momento a *posteriori*, no qual o material obtido através destas sucessivas etapas pode ser transformado em publicações científicas. Neste momento, este material – inicialmente de cunho privado do observador com objetivo também privado (sua formação pessoal) – atinge o estágio em que deve ser traduzido em linguagem dirigida a um público maior e desconhecido. É aqui que o desafio da exposição cresce de forma exponencial.

Assim como no segundo momento, uma vez mais o pesquisador defronta-se com o desafio de escrever e transmitir uma experiência. Ante este desafio, tende a apelar às figuras de linguagem comumente usadas na literatura de ficção, em contos, por exemplo, que buscam tocar o leitor com as palavras a fim de proporcionar também uma experiência emocional. Acreditamos que os conteúdos provindos destas vivências podem ser passados ao leitor, e este, experienciá-las obviamente em um nível mais integrado, de escuta da escuta. Ogden (2002) destaca que é este o estilo de Winnicott: ao buscar transmitir seus conhecimentos profundos sobre o desenvolvimento emocional primitivo, usa a linguagem para criar experiências nos leitores, tendo em vista que a linguagem e o conteúdo do texto são inseparáveis. Assim, Winnicott, com sua forma aparentemente simples e direta de escrever, toca os leitores pelo impacto que gera através, não só de suas palavras, mas do tom que rege sua escrita (Ogden, 2002).

Nesta nova transformação do material, o autor se vê na tarefa de ter que iluminar alguns aspectos mais expressivos que emergem do material e dar-lhe contornos teóricos. Assim, começa outro percurso, onde busca, através da escrita, conduzir o leitor a experienciar parte de suas vivências bem como a compartilhar algumas conclusões teórico-práticas. No entanto, para que alguns aspectos se explorem e aprofundem, outros, também ricos, inevitavelmente quedam ofuscados, pois seria impossível abarcá-los todos com igual intensidade. Através desta construção, pessoal/teórica, o autor vai deixando marcas pessoais no seu texto, com suas potencialidades e limitações, passíveis de serem contestadas por outros leitores. Além disso, mostra partes de si mesmo, do processo, no qual pode se envergonhar ou temer uma exposição. Freud (1905), em notas preliminares do Caso Dora, destacou seu incômodo quanto a publicar anotações tão íntimas de um caso, antecipando possíveis críticas de seus pares.

Por isso, este quarto momento requer coragem e motivação para se expor e trocar ideias com outros colegas. Embora exista este grande desafio – que faz com que muitos trabalhos excelentes não cheguem a este momento e terminem *engavetados* – destacamos a importância do mesmo para o avanço da teoria e técnica psicanalítica. Que rumos a psicanálise teria tomado caso alguns trabalhos, hoje clássicos, outrora pioneiros, não fossem publicados? Talvez não estaríamos hoje escrevendo este artigo se Esther Bick tivesse optado por não publicar artigos que revelassem sua descoberta genial sobre o método de observação de bebês (Bick, 1964), bem como artigos teóricos derivados do mesmo (Bick, 1968).

Talvez neste momento seja importante destacarmos novamente a potencialidade da produção em grupo. Assim como os diferentes componentes de um mesmo grupo proporcionam ao observador/analista diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato (destacados anteriormente no terceiro momento do método Bick), a escrita pode também se beneficiar muito quando construída entre colegas. O grupo, se for composto de cooperadores criativos, cria um solo de trabalho onde as ideias/sementes têm espaço para germinar, quando férteis, ou se manter em um estado de dormência, quando estéreis. Esta circulação das ideias entre os diferentes membros do grupo permite que as visões, inicialmente parciais de cada um, ganhem espaço na mente do outro, que, por sua vez as completa, modifica. Assim, o grupo, em movimento espiral, vai compartilhando e construindo novas ideias.

Poderíamos, pois, pensar que, por meio desses grupos de trabalho, chegaríamos mais próximos da verdade. O grupo se deixa tocar e surpreender pela experiência viva da dupla mãe-bebê e do observador. Quando esse processo, sustentado pelo grupo, prossegue, surge um sentido novo, surpresas compartilhadas

inéditas que sinalizam novas verdades psíquicas e possibilidades de acessá-las.

Em nossa experiência de pesquisa com o método Bick, temos feito uso de uma modalidade de discussão em grupo que acreditamos ser de grande utilidade no quarto momento. Através desta modalidade, é possível estabelecer uma troca íntima e profunda de ideias, proporcionada por um ambiente acolhedor, facilitador, no qual cada integrante do grupo pode apoiar-se no outro, o que resulta em um trabalho conjunto de entrega e confiança. Assim, as ideias podem ser expostas de forma livre e serem respaldadas ou refutadas, mas sempre com o intuito de construir um diálogo rico, criativo, não saturado. Este momento segue o ideal de manter-se o mais aberto possível para a experiência com o outro, deixando-se sempre ser afetado e afetando o outro com suas ideias e percepções. O presente trabalho, por exemplo, realizou-se desta forma. Cada autora pôde, através da palavra e do olhar da outra, construir uma discussão rica com resultados igualmente ricos.

A possibilidade de pensar, surpreender-se, reencantar, reconectar com a experiência surge a partir de uma posição em que se fica diante de um outro que escuta sem julgar. Borgogno (1999) lembra da importância que Freud atribuía ao grupo de pares, de pelo menos uma pessoa, que ajudasse na formulação do pensamento, no distanciamento da experiência interna, no reconhecimento e na validação pessoal. Ele assinala os vários parceiros que o auxiliaram em suas investigações – como Charcot, Breuer, Brücke, Fliess – assim como seu grupo de íntimos ou a famosa *Sociedade das quartas-feiras*.

É impressionante como o observador segue revivendo a experiência em cada oportunidade de retomada do material, em um interminável deixar-se afetar pela experiência, cerne da pesquisa em psicanálise. E aqui se encontra o grande desafio da escrita do material para fins de publicação, em que é necessário achar um equilíbrio. Por um lado, corremos o risco de cedermos a exigências acadêmicas e sermos excessivamente conclusivos, objetivos, fechando demais o material e, assim, eliminando sua riqueza e seu grande potencial de gerar novos questionamentos. Por outro, se formos para outro extremo, corremos o risco de cair na tentação de expor em demasia cada experiência intensa proporcionada por este tipo de pesquisa, abrindo demais o material e tornando-se tão subjetivo que a pesquisa se torne interminável e, sobretudo, incompreensível para este público maior.

Cabe ressaltar que o desafio da escrita se interpõe durante todo o percurso do observador no método Bick e é especialmente inquietante quando essa escrita se faz necessária como elemento de tradução de uma experiência íntima que deve ser, ao mesmo tempo, reconhecida como pessoal, mas validada como comunicável, auxiliando na formulação de novas ideias e de novos construtos teóricos. □

Abstract

Writing as a challenge in the observer's journey through the Bick method of infant observation

This paper discusses certain challenges in the observer's journey throughout the three stages of the Bick method of infant observation (observation, written report and seminar group discussion), with special emphasis on writing. One of the biggest challenges of writing, in this context, is communicating something which was experienced in a predominantly sensory and solitary way. The observer finds him or herself exposed to a series of sensations that emerge again at the stage of the written report, and which are shared with the seminar group. It is relevant to note that the challenge of writing is present throughout the observer's journey, especially when this writing needs to be published.

Keywords: writing, Bick method, written report, primitive communication.

Resumen

La escrita como desafío en el recorrido del observador por el método Bick de observación de bebés

Este trabajo discute algunos desafíos en el recorrido del observador a lo largo de tres momentos del método Bick de observación (observación, relato de la observación y supervisión en grupo), con énfasis especial en la escrita. Uno de los desafíos más grandes de la escrita, en este contexto, es el de transmitir una experiencia que fue vivida predominantemente de manera sensorial y solitaria. En este contexto, el observador se ve expuesto a una serie de sensaciones que emergen nuevamente en el momento del relato, las que son compartidas con el grupo de supervisión. Es importante subrayar que el desafío de la escrita se interpone, en el método Bick, durante todo el recorrido del observador y es especialmente inquietante cuando esa escrita se hace necesaria para publicación.

Palabras clave: escrita, método Bick, relato escrito, comunicación primitiva.

Referências

Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis*, 45: 558-566.

- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object relations. *International Journal of Psychoanalysis*, 49: 484-486.
- Borgogno, F. (1999). *Psicanálise como percurso* (M. Rossi, trad.). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Caron, N. (Org.) (2000). *A relação país-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 357 p.
- Caron, N. A. & Fonseca, M. (2011). A presença de irmãos no exame de ultrassonografia pré-natal. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 18(2): 417-442.
- Caron, N. A., & Lopes, R. C. S. (2014). *Aprendendo com as mães e os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica*. Porto Alegre: Dublinense.
- Caron, N. A., Fonseca, M. & Lopes, R. C. S. (2008). The baby and his majesties: some considerations on human helplessness. *The International Journal of Infant Observation and its Applications*. 11(1): 67-75.
- Caron, N. A., Fonseca, M. M. & Kompinsky, E. (2000). Aplicação da observação na ultrassonografia obstétrica. In N. A. Caron (Ed.). *A relação país bebê: da observação à clínica* (pp. 178-206), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Caron, N. A., Lopes, R. C. S. & Donelli, T. S. (2013). A place where verbalization has no meaning. *Infant Observation*, 16(2): 170-182.
- Caron, N., Matte, L., Cardoso, M., Lopes, R. C. S., & Dalcin, V. (2000). Vivenciando a violência sutil: O impacto emocional no observador da relação mãe-bebê (pp. 45-59). In N. A. Caron. (Org.). *Relação país-bebê: Da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Caron, N.A. & Lopes, R.C.S, (2015). When the internal setting becomes more important than the therapist/analyst's interpretative capacity: extending the infant observation method to the prenatal and perinatal period. *Infant Observation*, 18(1): 83-95.
- Caron, N.A. & Maltz, R.S. (1994). Intervenções em grávidas com anomalias congênitas. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 16(3): 202-207.
- Donelli, T. M. S. (2008). *Descortinando a vivência emocional de mulheres em um Centro Obstétrico: uma investigação sobre o parto através da aplicação do Método Bick*. Tese de Doutorado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Donelli, T.S.; Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2012). A experiência materna do parto: confronto de desamparos. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19 (2): 395-414.
- Faimberg, H. (2010). Método "a escuta da escuta". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44 (3), p.33-41.
- Freud, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp.1-109), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicanalíticas Completas de Sigmund Freud*, (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 146-159), Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In *Edição standard brasileira de obras*

- completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp.12-82), Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, S. (1919). O estranho. In: *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud.* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp.271-314), Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Litvan, M. A. (2007). Infant Observation: A range of questions and challenges for contemporary psychoanalysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 88: 713-733.
- Moreira, C. I., Gerhardt, C., Steibel, D., Silveira, F., Caron, N. A., & Lopes, R. C. S. (2011). A impossível tarefa de segurar o sol com a mão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 18(2): 237-254.
- Ogden, T. (2002). Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(36): 698-718.
- Steibel, D. (2011). *As vivências primitivas de um bebê nascido extremamente prematuro no ambiente da UTI neonatal: uma aplicação do Método Bick de observação.* Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Steibel, D., Caron, N. A., & Lopes, R. S. (2014). An observer's intense and challenging journey observing the short life of an extremely premature baby in Neonatal Intensive Care. *Infant Observation*, 17,3, 233-247. doi:10.1080/13698036.2014.975544
- Winnicott, D.W. (1969). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação.* (I. C. S. Ortiz, trad., pp. 163-174). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1963). Winnicott, D.W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D.W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (J.O.A. Abreu, trad., pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Recebido em 28/06/2015

Aceito em 02/03/2016

Revisão técnica de **Kátia Ramil Magalhães**

Nara Amália Caron

Av. Carlos Gomes, 1286/301

90480-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: nacaron@portoweb.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA